

## ESPAÑA E PORTUGAL: VOZES EM CONVERGÊNCIA RADICAL

*Terezinha de Jesus da Costa Val*

*...sempre se fez ao longo da história literária aquilo a que chamarei “transfusão cultural”, isto é, emigração de ideias, homens, formas, estéticas, de país para país; ...<sup>1</sup>*

Ao explorar uma inquietação antiga<sup>2</sup> de leitora da obra de Carlos de Oliveira (1921-1981)<sup>3</sup>, este trabalho abre-se por uma celebração ibérica centenária: 1898-1998.

Pelo rastreamento de intuições irradiadas dos versos do Poeta, outras vozes estrangeiras se concertam em imagens, formas e temas, alguns ecos claramente confessados, entre outros, por vezes não contados, embora nunca negados:

*Mas o trabalho subterrâneo deste verso não é solitário em mim. Outros versos, outras frases que me devoram, poucos de resto, trabalham também de maneira obscura para vir de quando em quando à superfície. (p.415)*

Aqui se faz uma leitura não de comparação entre autores e não porque sejam os poetas de estirpe distinta mas porque se dedica esta escrita a apontar as marcas exploradas na fala dos textos, sinais de uma radical convergência.

Antes, mergulha-se no tempo secular, 1898 – data que estabelece os fundamentos da chamada *Geração do 98*, à qual pertenceu Antonio Machado, e ano do nascimento de Federico García Lorca – vozes espanholas em poético diálogo com a voz portuguesa de Carlos de Oliveira.

1898. Sinal histórico e cultural em Espanha, data memorável, paradoxalmente pungente e gloriosa, pois se, por um lado, assinala um desastre político, a derrota do colonialismo, fato que afeta a cultura negativamente com a marca do desespero e desalento, igualmente impulsiona a sensibilidade de seus poe-

tas e intelectuais que irão repensar Espanha, crítica e dolorosamente, em seus aspectos mais negativos, mas que, outra vez em paradoxo, manifestarão nesta crítica a mais poderosa afirmação. A grande conquista do 98 foi Espanha se descobrir em sua paisagem como nação e como problema: cogitar de sua razão histórica, sua destinação, sua identidade, seu sentido.

*Uma voz essencial do 98.* Um diálogo se trava entre a História e a Literatura: poetas e pensadores de funda raiz hispânica encetam uma escrita que busca a defesa das mais puras essências espanholas. Entre todos, destaca-se a figura de Miguel de Unamuno (1864-1936), homem integral do 98, sua *alma essencial* (VALBUENA PRATT: 1957), que ao traçar uma teoria das raízes culturais de sua terra no livro *En torno al casticismo*, critica os defeitos daquele momento histórico-cultural e propõe uma Espanha sustentada nos impulsos afirmativos de renovação.

Na unidade extensa de suas obras (teatro, poesia, romance, crítica e ensaio) encontram-se livros de viagens, dos quais se destaca *Por tierras de Portugal y de España* – tradução portuguesa publicada pela Assírio e Alvim (BARADEZ: 1990). Este livro ressalta sentidas impressões de cidades ou de paisagens que emocionam e revelam uma profunda compreensão cultural. Nele, manifesta Unamuno seu espanto pelo *absurdo destino* que separava as duas terras gêmeas, as quais fizeram suas histórias como que de costas voltadas (SARAIVA: 1982), rivais e, ao mesmo tempo, tão enraizadamente ibéricas.

Unamuno, esta genial figura do 98, correspondia-se com a intelectualidade estrangeira (franceses, italianos, hispano-americanos e portugueses) para tornar mais vivas as forças internas, como afirmava, e tinha em Antero (como em Leopardi, por exemplo) um seu irmão no sentimento do desespero.

*Outras vozes em razão de 1898.* O livro *Azul* (1888-1890) e , mais tarde, *Prosas profanas* (1896), ambos de Rubén Darío (1867-1916), assinalam o Modernismo espanhol que se desenvolveu com suas marcas de elegância e cosmopolitismo especialmente afetado pela poesia francesa. Junto a esse movimento estético, elegante e artificioso, surge outro, de técnicas poéticas distintas, com evidentes diferenças: se ao Modernismo competia a artificiosidade da figura do cisne, a esta nova proposta cabia perfeitamente a figura da cegonha, em seu desalinho despojado e verdadeiro. Carregada de efeitos dramáticos, esta nova sensibilidade se mostra preocupada com a vida e os problemas de Espanha e se constitui como uma *Geração do 98*.

Será a voz de Antonio Machado (1875-1939) a legítima representante deste conceito do 98. São versos sóbrios, íntimos, graves, cuja concepção poética mergulha no sentimento telúrico expresso em pessimismo, conceito crítico e negativo do 98, onde ressaltam a miséria e a dor:

*i Soria fría, Soria pura,  
cabeza de Extremadura,*

*con su castillo guerrero  
arruinado, sobre el Duero;  
con sus murallas roídas  
y sus casas denegridas! ("Campos de Soria"/ VI)*

Visão dolorosa ainda quando fala do pequeno e mostra o pormenor, o minúsculo do corriqueiro, que surge carregado de efeito dramático ao citar as terras áridas de sua Andaluzia ou a paisagem castelhana (*Campos de Castilla: 1907-1917*), que comparece com força de personagem. Neste livro, a descrição ganha relevo e também sobressai o sentimento lírico em que a voz poética, minuciosa e íntima, revela o pequeno, o mínimo:

*Es la tierra de Soria árida y fría.  
Por las colinas y las sierras calvas,  
verdes pradillos, cerros cenicientos,  
la primavera pasa  
dejando entre las hierbas olorosas  
sus diminutas margaritas blancas. ("Campos de Soria"/ I)*

Outra voz será a de outro andaluz, que neste ano cumpre seu centenário, Federico García Lorca, não sevilhano como Machado, mas de Granada, onde nasceu em 1898, tendo ali morrido, assassinado pela Falange, em 1936, nos inícios da Guerra Civil Espanhola (GIBSON: 1979).

Os poetas que se seguem aos da *Geração de 98* traçam uma unidade artística com todas as diferenças mas de muitas afinidades e constituem a *Geração de 27* (em homenagem ao ano de Góngora). A palavra da poesia (e a de García Lorca, em especial) vai apoiar-se na imagística das filigranas, da miniatura, de metáforas luminosas, mas de contraste dramático, onde a morte e a solidão (individual ou coletiva) comparecem dolorosamente, como numa agressão lírica, sem perder nunca o sentido da emoção inscrita nas imagens plásticas: uma poesia que chega ao extremo de suas possibilidades.

Em García Lorca, nota-se a presença do tradicionalismo e sendo sua poesia também de vanguarda, nela não se enclausura a *arte pela arte* pois García Lorca mergulha na cultura hispânica ao evocar a presença do homem e da natureza em todas as formas sob as quais se manifesta sua palavra poética:

*Bajo tu casta sombra, encina vieja  
quiero sondar la fuente de mi vida  
y sacar de los fangos de mi sombra  
las esmeraldas líricas. ("Encina"/1919)*

*A voz em diálogo* (e aqui se entrelaçam as vozes de Machado e de García Lorca). Carlos de Oliveira publica seus primeiros textos em 1937, momento histórico em que explode a inquietação neo-realista em Portugal, e quando a Arte se

anifesta com assinalada preocupação político-ideológica. Na violência da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), palco de experimentação para o choque extremo da Segunda Grande Guerra (1939-1945), impõe-se à Arte o debruçar-se sobre problemas da realidade histórica, assumindo uma dimensão social, revolucionária e atuante. Em Portugal, também se processa um tempo de condição, de inquietação, nesta década de 40, pela instalação de um Estado Novo que inicia a censura das idéias ao lado de um incipiente desenvolvimento industrial. Sem se ter transformado num movimento político, a arte neo-realista quer-se impor um programa ideológico evidente. A poesia de Carlos de Oliveira, uma escrita comprometida e igualmente mágica, foi publicada neste longo período opressivo, em que História e Arte se ligavam apaixonada e ativamente (GUSMÃO: 1981).

Poetas de vozes bem distintas, mas convergentes na radicalidade de seu compromisso com o mundo humano e telúrico. Eis que procura este estudo enlaçar as ressonâncias de seus versos, o que se anota como sugestão de futuras leituras.

Num diálogo confessado com António Machado, e mesmo com Espanha, Carlos de Oliveira tem o poema "Nas colinas de António Machado" (p.325-29), primeira parte de um tríptico completado por "Descrição da guerra em Guernica" e "Rio, despedida", sob o título maior "Cristal em Soria", do livro de sugestivo nome: *Entre duas memórias* (1971) – note-se a repercussão machadiana do minúsculo, do pormenor (sinal também próprio da ótica de Carlos de Oliveira), nestes versos do fragmento IV do poema "Nas colinas de António Machado":

*a neve é isto: pedra  
em flocos; o seu brilho de mica;  
o seu regresso à terra; quando  
o movimento cessa e coalha  
o som deste cristal. (p.328)*

Do primeiro livro de poesia de Carlos de Oliveira, *Turismo* (1942), cita-se, do poema "Infância", o fragmento I: "Terra / sem uma gota / de céu." (p.17) que finaliza no fragmento VI: "Céu / sem uma gota / de terra." (p.22) e se confronta com o poema "Cazador", de García Lorca, inserto em *Canciones* (1921-1924): "¡Alto pinar! / Cuatro palomas por el aire van." (estrofe I) e "¡Bajo pinar! / Cuatro palomas en la tierra están." (última estrofe / III) – nos dois poemas pode-se afirmar que se dá como uma inversão de perspectiva, o olhar transforma a realidade, anulando os planos espaciais.

Ainda se quer anotar um possível parentesco semântico-imagístico entre o *viento-hombrón* de "Preciosa y el aire", do *Romancero gitano* (1928), de García Lorca:

*Su luna de pergamino  
Preciosa tocando viene.  
Al verla se ha levantado  
el viento que nunca duerme.  
(...)*

*Niña, deja que levante  
tu vestido para verte.  
Abre en mis dedos antiguos  
la rosa azul de tu vientre.*

e um outro vento sátiro de “Rumor de vento ao crepúsculo”, em *Colheita perdida* (1948)<sup>5</sup>, de Carlos de Oliveira:

*A juventude duma olaia:  
passou o vento  
e levantou-lhe a saia.  
  
Que ficou desse amor  
mais que o rumor do vento?  
  
(...)*

*Violada se debruça  
a noiva vegetal (...) (p.76)*

Dá-se também um encontro de sugestões num verso de “A noite inquieta”, de Carlos de Oliveira, ainda no livro *Colheita perdida*: “Há uma gota de fogo em cada estrela,” (p.88) — como em García Lorca, no seu *Poeta en Nueva York* (1929-30), parte VII: *Vuelta a la Ciudad / Nueva York / Oficina y Denuncia*:

*Debajo de las multiplicaciones  
hay una gota de sangre de pato;  
debajo de las divisiones  
hay una gota de sangre de marinero;  
debajo de las sumas, un río de sangre tierna.*

Sugerindo outro diálogo, de ambos, com o livro *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), do poeta brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), que declara em “Explicação”, peça inicial do livro: “Hoje não há mais o ontem em que fomos espectadores. Hoje também os versos seriam muito outros e mostrariam um coração que sangra e estua.” E o poema de Carlos de Oliveira assim termina:

*E quanto mais estendo as mãos urgentes,  
mais um dúbio fulgor acende o vento:  
podes descer silenciosamente  
sobre os meus versos, luz do esquecimento. (p.89)*

Para concluir, considerando ser este levantamento inicial muito instigante e que se oferece a aprofundamentos, mostra-se o apoio para a continuação desta tarefa nas palavras de Carlos de Oliveira : “ Ler os autores estrangeiros parece-me evidentemente necessário, indispensável ” ( p.468), e, mais, quando sugere ouvir também o povo:

*A questão é saber ouvir, não tomar tudo à letra, e transpor, recriar. Testemunhas disto? Kafka, Bartok, Aragon, Picasso, Lorca, Machado, Afonso Duarte, etc. Testemunhas do nosso tempo. (p.518)*

### **Bibliografia**

- ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1960.
- BARADEZ, François. Um olhar de águia sobre Portugal e sua literatura. *Letras& Letras*, Porto, 28: 15. Abril, 1990.
- GARCIA LORCA, Federico. *Obras completas*. Madrid, Aguilar, 1960.
- GIBSON, Ian. *O assassinato de García Lorca*. São Paulo, L & PM, 1979.
- GUSMÃO, Manuel. *A poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa, Seara Nova/ Comunicação, 1981.
- MACHADO, Antonio. *Poesías completas*. Madrid, Espasa – Calpe, 1955.
- MOREJON, Julio García. *Letras de España*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USF, 1963.
- MOREJON, Julio García. *Unamuno y Portugal*. Madrid, Gredos, 1971.
- OLIVEIRA, Carlos de. *Obras*. [Lisboa], Caminho, 1992.
- SALINAS, Pedro. *Ensayos de Literatura Hispánica: del Cantar de Mio Cid a García Lorca*. Madrid, Aguilar, 1961.
- SARAIVA, António José. *A cultura em Portugal: teoria e história*. Livro I: Introdução geral à cultura portuguesa. Venda Nova/ Amadora, Bertrand, 1982.
- VALBUENA PRATT, Angel. *Historia de la Literatura Española*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1957. v. 3.

### **Notas**

1. OLIVEIRA, Carlos de. *Obras* [Lisboa], Caminho, 1992. P472.  
Toda citação de textos do Poeta retira-se desta edição e referencia-se pelo número da página entre parênteses.
2. Cf. da autora *O lugar poético de Casa na duna*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/ UFRJ, 1977. *O lugar poético da escrita de Carlos de Oliveira*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/ UFRJ, 1994. Vários artigos sobre a obra do Poeta, publicados no Brasil em diversas revistas especializadas.
3. Nascido em Belém do Pará (Brasil), filho de pais portugueses, vai para Nossa Senhora das Febres (Portugal), aos dois anos. Em 1947, diploma-se em Ciências Histórico-Filosóficas (Coimbra). Muda-se para Lisboa (1950), após casar-se com Angela de Oliveira (1949) – a *Gelnaa* “que se tornou meu criptógrafo. Decifra a escrita semi-secreta e copia-a à máquina” (p.530). Está enterado em Lisboa (Cemitério dos Prazeres).
4. Obras publicadas: os romances: *Casa na duna* (1943), *Alcateia* (1944), *Pequenos burgueses* (1948), *Uma abelha na chuva* (1953) e *Finisterra paisagem e povoamento* (1978); *Trabalho poético* (poesias de 1941 a 1971) e um livro de ensaios e criação literária: *O aprendiz de feiticeiro* (1971).<sup>5</sup>  
Anote-se a curiosa incidência de datas: 1928 (RG) e 1948 (CF), respectivamente 70 e 50 anos neste 1998...